

TERCEIRA CATEQUESE
O GRANDE SONHO DE DEUS

“NÃO SABIEIS QUE EU DEVO OCUPAR-ME DAS COISAS QUE É DE MEU PAI?” (Lc 2,49)

A boa nova através da música

A beleza do amor

Música a ser ouvida: Georg Friderich Händel, *Serse-Ombra mai fu*

Palavras chaves: amor nupcial, Adão e Eva, Grande Mistério

Introdução

Falar sobre o amor em todas as suas sombras é o que AL também convida, reiterando a importância de combater esse analfabetismo emocional alimentado também por uma certa reticência para enfrentar os muitos aspectos do amor.

Guia para a escuta

Perguntas para facilitar a discussão sobre a canção

Você gostou da música que ouviu?

Descreva em três palavras os sentimentos que te despertou.

Você já ouviu alguma vez música deste tipo?

Quais instrumentos você reconheceu?

Saberia cantar novamente a melodia?

Ajudando você com o texto, que destaques notas na música?

Esta canção de Händel (1685 – 1759) fala do homem e da mulher unidos por um vínculo misterioso que assume os três rostos do eros (desejo: AL 120) da filia (amizade: AL 123) e ágape (caridade: AL 90-120). A ária muito famosa é tirada dos *Xerxes* (1737) por Händel e retoma um episódio relatado por Heródoto, que se refere ao enamoramento simbólico de *Xerxes* por um belíssimo plátano. Na obra de Händel, A árvore é uma metáfora do amor apaixonado e da escolha que isso implica. Na verdade, *Xerxes* se recupera à sombra de um plátano majestoso e logo depois, através de sua música, ele fica encantado com a bela Romilda. Este é o lugar onde o conflito que anima a história começa em que o soberano terá que escolher, dentro de um acontecimento intrincado, a quem se unir.

O texto da música:

*Frondi tenere e belle
del mio platano amato
per voi risplenda il fato.
Tuoni, lampi, e procelle
non v'oltraggino mai la cara pace,
né giunga a profanarvi austro rapace.*

*Ombra mai fu
di vegetabile,
cara ed amabile,
soave più.*

O texto de Händel se presta a múltiplas leituras simbólicas, que se referem ao tema do amor humano, cantado em todas as suas tonalidades, no espírito do *Cântico dos cânticos*, em que é

precisamente o imaginário simbólico natural dos animais (a pomba, o cervo, o cavalo), as plantas (maçã), as flores (o narciso) e dos perfumes (a mirra), que é usado para cantar a beleza do amor. Em particular, aproveitamos a semelhança entre o nosso tema e o encerramento do *Cântico*, em que o protagonista afirma de haver encontrado e de saber doar ao outro, o amado, o dileto, a paz (Ct 8, 10). Assim como canta Xerxes falando da sombra do plátano. (AL 151-152; 284-285).

A boa nova

Em *Ombra mai fu* é feita referência a “linguagem do corpo”, que, longe de ser um campo neutro disponível para todas as interpretações, tem sua própria maneira simbólica de comunicar, que hoje se perdeu. Na época em que uma rede social é suficiente para decretar a amizade, o corpo é apresentado como uma realidade flexível e pode ser reescrito à vontade, conforme indicado pelo desafio da teoria de gênero relatado no n° 56 da AL. Na realidade, o corpo é o portador de uma linguagem simbólica capaz de manifestar os diferentes momentos com os quais a liberdade põe as pessoas em relação. Por esta razão, um aperto de mão, um abraço, um beijo, as carícias, até a união plena dos corpos, manifestam uma propedêutica natural, que deve ser respeitada para alegria do corpo de um modo verdadeiro e autêntico. Caso contrário, corre o risco de mentir com o corpo, feito e pensado por sua vez para comemorar a verdade do encontro com o outro. As perguntas cheias de apreensão educativa, colocadas pelo pontífice: “Quem fala hoje sobre essas coisas? Quem é capaz de levar os jovens a sério? Quem os ajuda a preparar-se seriamente para um amor grande e generoso?”, acreditamos que podemos responder, de forma não exaustiva, certamente de forma significativa, precisamente ao assumir e melhorar a antiga tradição de ouvir música sagrada, que apresenta continuamente a força da linguagem simbólica, nas obras e nos temas que trata. Nela encontra uma eminente academia formativa a necessidade apontada no n° 285 para ajudar os jovens a reconhecer e valorizar a diferença do outro, na aceitação feliz de si mesmo. Na verdade, a música é constitutivamente a harmonização das diferenças, sendo regada dessas relações. A alternância da música e do silêncio, de altos e de baixos, de solos e de coros e de todas as outras formas com as quais se manifesta é uma educação implícita mas profunda para assimilar o gosto pela harmonia da diversidade.